

avaliação e impacto

Fomentar a cultura avaliativa entre os atores da filantropia e do investimento social é uma agenda sempre atual do setor. Muito se avançou no tema nos últimos anos.

No entanto, há ainda muito espaço para a qualificação e a disseminação das práticas de monitoramento e avaliação no ISP e nas organizações da sociedade civil em geral. As organizações esbarram em dificuldades para desenvolverem uma boa avaliação, como os custos e a dificuldade para definir e mensurar resultados e impactos.

Por meio de processos avaliativos, identificam-se erros, acertos, mudanças geradas, impactos, caminhos possíveis para o aprimoramento das iniciativas etc. Além disso, as avaliações são potentes ferramentas para promover aprendizagem e para auxiliar na tomada de decisão.

Desde 2019, a Agenda Avaliação, criada pelo GIFE, tem abrigado debates e produções referentes a essa temática no campo do ISP, em articulação com outros atores importantes, trabalhando por uma maior cultura avaliativa junto a institutos, fundações e empresas.

DADOS DE CONTEXTO

AVALIAÇÃO DE PROJETOS É MAIS FREQUENTE DO QUE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018, **80% DAS ORGANIZAÇÕES DECLARARAM AVALIAR SEUS PROGRAMAS E PROJETOS MAIS REPRESENTATIVOS, ENQUANTO 62% AFIRMARAM TAMBÉM FAZER ALGUM TIPO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL.**

80%

DAS ORGANIZAÇÕES DECLARARAM AVALIAR SEUS PROGRAMAS E PROJETOS MAIS REPRESENTATIVOS

64% AFIRMARAM TAMBÉM FAZER ALGUM TIPO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

FORMAS MAIS COMUNS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS:

90% RELATÓRIOS PERIÓDICOS DE ANDAMENTO DOS PROJETOS

70% MATRIZ DE INDICADORES

66% DIAGNÓSTICO INICIAL, MARCO ZERO OU LINHA DE BASE

SEGUNDO OS RESULTADOS DO CENSO GIFE 2018, **AS FORMAS MAIS COMUNS DE IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS AVALIATIVAS FORAM: RELATÓRIOS PERIÓDICOS DE ANDAMENTO DOS PROJETOS (90% DOS PROJETOS REGISTRADOS DENTRE OS TRÊS PRIORITÁRIOS DAS ORGANIZAÇÕES), MATRIZ DE INDICADORES (70%) E DIAGNÓSTICO INICIAL, MARCO ZERO OU LINHA DE BASE (66%).**

PARA OS RESPONDENTES, O OBJETIVO PRIORITÁRIO AO SE FAZER AVALIAÇÕES FOI: APRENDER SOBRE O PROGRAMA OU PROJETO (80%), NECESSIDADE DE RELATAR AO CONSELHO E/OU A APOIADORES (80%), OBJETIVOS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM PARA A ORGANIZAÇÃO E PARA O PRÓPRIO PROJETO OU PROGRAMA (79%).

OBJETIVO PRIORITÁRIO AO SE FAZER AVALIAÇÕES:

80% APRENDER SOBRE O PROGRAMA OU PROJETO
80% RELATAR AO CONSELHO E/OU A APOIADORES
79% APRENDIZAGEM PARA A ORGANIZAÇÃO

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Na conjuntura atual, decidir com base em evidências é ainda mais importante frente à aparição de movimentos e forças contrários a pautas de promoção e defesa da agenda pública, da cidadania e da cultura democrática. Ao mesmo tempo em que isso impõe dificuldades, desafia a busca de soluções para os problemas da sociedade contemporânea. E assim, o desenvolvimento de uma cultura de práticas avaliativas é indispensável para buscar respostas para os desafios do nosso tempo, bem como para o próprio fortalecimento da filantropia no Brasil.
- A máxima entre avaliadores é: "O que não se pode medir, não se pode melhorar". Tal enunciado, apesar de simples, é elucidativo: é necessário que as organizações realizem avaliações, independentemente dos métodos, ferramentas e instrumentos utilizados, pois a prática leva ao aprimoramento e isso ajuda a organização a reunir maiores ganhos de eficiência quanto à produção de bens públicos.
- Clareza de onde a organização quer chegar, do que está sendo feito e do que se quer investigar, com disposição para se deparar com eventuais erros que estejam sendo cometidos, deve ser buscada. O registro e a sistematização de processos e atividades ajudam a aprimorar a capacidade reflexiva da organização; geram aprendizagem para dirigentes e equipes; ao longo do tempo, promovem avanços nas práticas de monitoramento e avaliação; e facilitam a comunicação com o grupo de *stakeholders* da organização.
- Com vistas a sensibilizar diferentes públicos para a agenda em questão, é preciso pensar estrategicamente a comunicação do impacto avaliado, adaptando-a a públicos específicos: cada *stakeholder* tem linguagens próprias e interesses diferentes, o que requer um zelo específico.

- O uso de macroindicadores que oferecem uma visão sistêmica da área e/ou temática em que a organização atua pode auxiliar no desenho de estratégias em microescala e permitir identificar lacunas, que podem orientar o aporte de recursos em determinadas frentes de atuação.
- Articulação dos atores do campo para gerar e disponibilizar mais dados, indicadores e métricas é essencial: bases de dados conjuntas, que possam ser alimentadas por diversas organizações, que permitam o compartilhamento de dados e se tornem fonte de informações sobre o campo.
- Quanto mais as organizações do campo deixarem de buscar resultados de curto prazo por meio de ações isoladas, melhor será o benefício das ações da organização para a sociedade e mais amplo será o legado e o impacto efetivo delas.
- Para que a agenda avaliativa avance nos próximos anos, é preciso evoluir nas práticas de aprendizagem – com a incorporação de saberes e o compartilhamento de fazeres e práticas para circulação do conhecimento reunido – e nas de escalabilidade – como modo de reconhecer fatores que alavancam as iniciativas.
- Evidências mostram que o setor começa a viver uma transição em favor da criação de condições e capacidades reais de atuação conjunta em avaliação em diversas frentes e agendas.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Agenda de avaliação. s.d.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: monitoramento e avaliação no ISP. 2019.
 - GIFE. Materiais de referência. s.d.
- GIFE. Oficina avaliação. 11º congresso GIFE. 23 fev. 2021.
- GIFE. Rubricas avaliativas: marco de análise das iniciativas de enfrentamento aos efeitos da Covid-19. s.d.
 - RBMA – Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação. Página inicial. s.d.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS